Em Louvor de José Oswaldo de Araújo

José Amaury de Araújo

Senhores:

É particularmente honrosa e comovente esta homenagem que o Instituto do Ceará, pela palavra ilustre, sábia e amiga de Raimundo Girão, presta ao seu sócio efetivo JOSÉ OSWALDO DE ARAÚJO, cujo 10.º aniversário de falecimento acabamos de comemorar.

Normalmente, na adolescência, cada um de nós tem o seu herói, a figura humana que o marcou e de quem, subliminarmente, segue os passos.

O meu herói, ao longo de toda a vida, tem sido o meu pai.

Peço-lhes pois, antecipadamente, desculpas pela exaltação, por ventura imodesta mas não imerecida, das virtudes de Oswaldo Araújo, em nome de cuja família venho expressar reconhecida gratidão aos seus pares na Casa do Barão de Studart, o mais ilustre sodalício cearense.

Louvar José Oswaldo de Araújo é louvar o justo.

Louvá-lo na amizade e no altruísmo suas virtudes características. Delas emanaram o amor, a probidade, a diligência, a fidelidade, a prudência, a discreção, a sensatez, a persistência, o desprendimento, a religiosidade, a alegria, o senso de humor, a obstinada busca do saber e do servir.

Nele louvamos o autodidata, o garimpeiro da cultura, a quem o reconhecimento dos seus companheiros guindou a posições nunca

por ele procuradas, mas recebidas com humildade e dignificadas com dedicação.

Se entre nós vivo estivesse neste momento, certamente se constrangeria por ouvir de um filho a proclamação pública de seus méritos.

Oswaldo Araújo foi um homem que teve irrealizados muitos dos seus sonhos. Contra isso, todavia, jamais se revoltou. Nem para concretizá-los valeu-se da ajuda dos grandiosos com quem conviveu. Cresceu pelos seus méritos, pelo seu trabalho, pelo reconhecimento de seus amigos.

Nunca, mesmo junto aos familiares mais íntimos, interferiu em seu próprio benefício. Entretanto, espontaneamente, sempre buscou ajuda para os necessitados ante os amigos bem situados, que nunca lhe falharam dada a probidade e a competência de seus recomendados.

Seu grande anseio foi bacharelar-se em Direito.

Como primeiro filho varão, seu pai determinou-lhe outro destino.

José Lourenço de Araújo, destacado homem de negócios na zona norte do Estado, dedicou-se à agricultura, à incipiente indústria regional e sobretudo ao comércio, onde foi pioneiro na exportação de gado e fumo para a Amazônia e de várias matérias-primas para o exterior. Prestigioso chefe político, foi deputado estadual e interferiu em diversos governos.

Projetou-se no filho mais velho como o continuador das atividades mercantis que iniciara e ampliador da fortuna que acumulara.

Por isso, instalou para o filho de 14 anos uma loja de modas, sob supervisão paterna, enquanto ele não alcançava a maioridade.

Entrementes, Oswaldo Araújo apenas concluiria o curso primário, estudando somente até "onde Paulino mastigou pimenta", como gostava jocosamente de aludir à sua formação escolar, referindo-se a cartilha em uso na época.

Mesmo assim, cultivou o pendor para o jornalismo, a literatura e as atividades forenses.

Lia muito, estudava sempre sob todas as modalidades alternativas que as circunstâncias, o meio e a época lhe permitiam.

Estudava sozinho, chegando a comunicar-se razoavelmente em francês com o auxílio do velho manual de "Francês sem Mestre", de Bensabat. Perlustrou a geografia, a história, a aritmética e em particular o vernáculo, com a leitura de textos gramaticais, autores clássicos e muito dicionário para ajudá-lo a decifrar charadas, logogrifos, enigmas e demais formas de recreação literária.

Iniciou-se na trilha do jornalismo com "A Moagem", para o *Almanaque do Norte,* de Sobral, e começou a cultivar o seu estro publicando, em 1915, o primeiro soneto com o título de "Silhueta", dedicado a Sigefredo Magalhães, seu fiel companheiro de infância.

Desde o início marcava seus escritos com um distinto acento telúrico.

Não olvidara sua tendência advocatícia, tendo funcionado no foro local como solicitador da justiça, sempre em defesa de réus desvalidos.

A despeito da seca de 1919, as atividades comerciais de seu pai prosperavam e ele decidira-se a abrir mais uma filial, desta feita na Capital do Estado.

Seria não apenas a consolidação de suas empresas mas a grande oportunidade de proporcionar ao filho a concretização do permanente ensaio de prosseguir os estudos, sem desviar do comércio o seu pretendido sucessor.

Já casado, Oswaldo acorre pressuroso a Fortaleza onde aluga um imóvel ao lado da "Garagem Elite", de seu amigo, o Governador João Thomé.

Assim, enquanto satisfaria o desejo paterno, realizaria o escopo maior de sua vida: matricular-se na Faculdade de Direito.

Outros, porém, eram os insondáveis desígnios da Providência.

Testando-lhe a obediência, como a um novo Abraão, defrontou-se com um parente próximo à falência, decorrente de insucessos comerciais em conseqüência da seca.

Não vacilou. Destinou à salvação do amigo o numerário disponível para a instalação da nova loja. E retornou ao rotineiro e insípido trabalho no Ipu, sem dúvida com um laivo de desencanto pelo sonho desfeito, mas com o coração aliviado e jubilante por ter salvo o amigo da ignomínia e da penúria.

Foi, ao que sabia, seu primeiro grande ato de renúncia, embora sacrificando a anelada carreira profissional.

Essa frustração marcou-lhe a vida.

Impossibilitado de nova tentativa, em virtude da morte de seu pai naquele mesmo ano, quando lhe coube em plenitude a responsabilidade de um encargo que não lhe satisfazia, procurou realizar-se na pessoa de seu irmão, a quem ajudou formar-se em medicina, e na dos próprios oito filhos, todos titulados na profissão de livre escolha de cada um.

Orgulhava-se pelas vitórias por eles alcançadas como se fossem dele mesmo. Sem ressaibos de inveja, porém um íntima alegria, estimulava-os ardorosamente para novos sucessos.

Na realidade, muito do mérito lhe pertencia.

Ao aproximar-se para os filhos do seu primeiro matrimônio o término do curso primário, único estágio de estudos então possível em sua terra natal, não tergiversou em decidir-se por nova e total renúncia.

Deixar o seu Ipu querido, o seu "pé de serra" como carinhosamente o mencionava, a terra dos seus amores, onde desfrutava do prestígio e da estima dos seus concidadãos e onde podia oferecer à sua desvelada esposa e filhos uma vida de conforto, dentro dos melhores padrões locais.

Largou tudo sem olhar para trás. Desfez-se do que pôde. Lancetou dolorosa e saudosamente uma vida tranqüila no rumo do desconhecido. Sangrou o seu coração. Mas não sacrificaria o futuro dos seus filhos.

Deixou uma situação de proprietário bem situado para sujeitar-se, mal remunerado, ao salário de uma multinacional.

Até hoje, com lágrimas nos olhos, beijo as mãos calosas e honestas do meu pai por este sacrificio inaudito.

Poderia, é verdade, ter optado por enviar os filhos para estudar na capital alojando-os, como então se procedia, em casa dos parentes que muito o amavam e a quem por vezes assistia.

Mas era sensível demais para onerar seus familiares com encargos que julgava lhe competir.

Acima de tudo, não queria distanciar-se da família que constituíra e dos filhos que educava pessoalmente com o conhecimento

adquirido, com o exemplo, com o amor, o carinho e a assistência permanentes.

Não vacilou. Logo após a festa do padroeiro — o Mártir Santo São Sebastião — deixou o Ipu em 1933 e viajou com os seus em penosa e definitiva jornada para Fortaleza.

Confiando nos filhos e por ele sempre disposto a novos sacrifícios na decisão vocacional, interpelava-os apenas: "o que deseja ser" e "onde".

Dois demandaram o exterior e os demais renomadas escolas nacionais.

Não sopesava custos ou distância, comprometendo discreta e alegremente os parcos recursos financeiros e a sensibilidade do seu coração com a saudade e as preocupações pelo filho ausente.

Sacrificou tudo, a ponto de, ao final de sua existência terrena, dizer-nos que "ao morrer, não nos deixaria nem dívidas".

Mas proporcionou-nos profissão liberal adequada a uma vida digna, conforme a decisão de cada filho.

Profunda e tranqüilamente religioso, não se deixou perturbar com a turbulência pós-conciliar de sua Igreja. Dizia-nos que não discutia doutrinas e teologias. Bastava-lhe a palavra de Deus, que aprendera nos joelhos da sua mãe, obedecendo os mandamentos e reconfortando-se na freqüência aos sacramentos.

Não era sem propósito sua sinceridade ao acompanhar o cântico: "segura na mão de Deus, e vai".

Filho obediente que fora de seu pai terreno, melhor o era do Pai Celestial.

Se a empresa seguradora a que dedicava seu trabalho não lhe proporcionou uma justa remuneração, a tarefa de corretor de seguros foi um campo fértil para o altruísmo e a amizade.

Um desses amigos, com quem convivera na juventude e laborava no mesmo mister — José Thomé de Sabóia — conduziu-o a outro selecionado ambiente de amizade e altruísmo — o Rotary Club, que possui uma "Casa da Amizade" e cujo lema é "Servir".

José Oswaldo realizava-se na convivência semanal com companheiros rotários da maior projeção nas esferas culturais e empresariais de Fortaleza.

Preparava-se com júbilo e material informativo para o almoço das quintas-feiras no Palace Hotel, onde pontificava a polidez e a eficácia de Efrem Gondim. Ali encontraria Raimundo Girão, Martins Filho, José Thomé, Fran Martins, Reis Júnior, Rocha Lima e tantos outros companheiros ilustres e amigos.

Era seu ambiente de lazer, de descontração, de reabastecimento moral para a nova semana de lutas.

Sobre aquele sodalício, entrementes, a Igreja pré-conciliar mantinha restrições e, por isso, um bispo de sua confiança procurou meu pai para conclamá-lo a abandonar o Rotary, julgando-o incompatível com o pai de um seminarista.

Mais uma vez, coração sangrando, Papai deu prova de filho obediente e não hesitou.

Renunciou ao Rotary por amor ao seu filho e em obediência à sua Igreja.

Nunca, porém, o afastou do seu afeto e jamais deixou a convivência dos companheiros rotárianos que, compreendendo a sua decisão, o prestigiaram e o estimaram até seus últimos dias, ou melhor ainda, até sempre, como observamos nesta sessão de homenagem.

O desencanto dessa renúncia mais se acentou quando, nos seus últimos anos de vida, constatou tantos sacerdotes integrando os quadros rotários.

Talvez, devido a esse acontecimento, um seu filho chegou a ser Presidente de Rotary.

Mas não só de renúncias foi a vida de Oswaldo Araújo.

Aposentado compulsoriamente pela Sul-América, aos 70 anos começou, então, com o vigor de um jovem, a realizar sua vocação.

Não lhe sendo possível tentar ingresso em uma faculdade jurídica, empenhou-se por inteiro no jornalismo.

Calcado na sua inestimável "coleção de Primeiros Números de Periódicos", colaborou em jornais e revistas desta Capital e de diversos Estados, merecendo integrar-se na Associação Cearense de Imprensa, sempre prestigiado pelo inesquecível Perboyre e Silva.

Alçou-se até o Conselho Superior da ACI, por várias gestões, com permanente destaque.

Oswaldo, todavia, não nascera para servir-se, porém para servir.

E logo abriu sua Coleção a pesquisadores e repórteres; promoveu exposições de periódicos, divulgando a evolução da imprensa nacional e despertando o interesse de Associação Brasileira de Imprensa, que lhe propôs um título de sócio mediante a transferência da coleção para a ABI.

Oswaldo rejeitou de pronto a proposta, pois não alimentava vaidades pessoais nem desejava privar de fácil consulta os estudiosos cearenses. O mesmo sucedera a vantajosas ofertas de Universidades Americanas.

Mais ainda, sem temer concorrência porém compreendendo a importância de preservar a memória da imprensa do país, encarregou-se pessoalmente de implantar a hemeroteca da ACI que, posteriormente, num ato de reconhecimento, recebeu o seu nome.

Logo mais, pelas mãos amigas de Martins Filho, luminar da educação universitária, aproximou-se do ilustre sábio cearense, Thomaz Pompeu Sobrinho, convidado que fora para colaborar como Secretário Executivo do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará.

Naquele ambiente, na convivência diuturna e didática do emérito pesquisador, não se limitou às tarefas administrativas, senão colaborou com estudos ali desenvolvidos, iniciado que já era na sua coleção particular de objetos antropológicos.

Em 1965, transferiu-se para exercer iguais tarefas como diretor da Secretaria Executiva do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Nesta Casa e naquela missão, granjeou de pronto a simpatia dos seus sócios, a amizade dos seus funcionários e o reconhecimento dos consulentes que se avolumavam pela fidalga e prestimosa atenção dispensada a todos.

Disciplinado e cortês, organizou com dedicação e eficiência os arquivos da Secretaria, mantendo atualizada a correspondência, com especial interesse aquela dos sócios correspondentes, e preparava as reuniões do Instituto com o interesse que dedicava às recepções em seu próprio lar.

Não se confinou, todavia, às suas lides burocráticas. Continuou nas pesquisas culturais, dispondo então de melhor acervo; freqüen-

tava a biblioteca e dedicou-se com afinco à sua meta principal: organizar a hemeroteca do Instituto.

Reconhecida foi sua integral dedicação à Casa do Barão de Studart, que cultuava com desvelo.

Aqui mereceu o seu galardão maior.

Por unanimidade foi eleito sócio efetivo do Instituto do Ceará, e recepcionado em sessão solene a 4 de dezembro de 1974.

Outra inestimável honra marcou a passagem de meu pai por este Instituto.

Aqui, neste predileto ambiente de trabalho, conheceu e consolidou a amizade cordial, sincera e permanente do seu presidente, o General Dr. Carlos Studart Filho, admirável figura humana de homem de cultura, de esculápio e de militar.

Os poucos meses vividos por Oswaldo Araújo como sócio efetivo desta Casa, já sob o ônus emotivo da cirurgia próxima que lhe ceifaria a preciosa existência, não foram suficientes para que fixasse nos anais do Instituto do Ceará todo o valor e conhecimento penosamente adquirido, cultivando seu ideal de homem de pensamento. Nem ao menos pôde apresentar os dois livros que deixou inéditos: um sobre a história do Ipú e outro de Poesias.

Este último está pronto a ser encaminhado à gráfica, com prefácio do seu inolvidável primo e notável cronista Milton Dias e capa do consagrado artista Hermínio Castelo Branco (Mino).

Restou sua figura humana, cavalheiresca, generosa e amiga, sua cultura desprentensiosa, símbolo de todos os autodidatas que envaidecem este vetusto e respeitável Instituto.

A todos os seus amigos que agora nos reunimos para exaltar sua humilde figura de homem de bem, o agradecimento mais comovente da família de José Oswaldo de Araújo.